

s, Guy de Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka, Vinicius Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Irmãos Grimm, Hans ant, Lima Barreto, Franz Kafka, Vinicius de Moraes, Italo les, Moacyr Scliar, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Kafka, Vinicius de Moraes, Italo Calvino, Carlos Drummond Grimm, Hans Christian Andersen, Machado de Assis, Guy Moraes, Italo Calvino, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Hans Christian Andersen, Machado de Assis, Guy de Maupassant, Lima los Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Moacyr de Assis, Guy de Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka, Andrade, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Irmãos Grimm, Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka, Vinicius de Moraes, Italo les, Moacyr Scliar, Hans Christian Andersen, Kafka, Vinicius de Moraes, Italo Calvino, Carlos Drummond Grimm, Hans Christian Andersen, Machado de Assis, Guy Moraes, Italo Calvino, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Hans Christian Andersen, Machado de Assis, Guy de Maupassant, Lima los Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Moacyr de Assis, Guy de Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka, Andrade, Lygia Fagundes Telles, Irmãos Grimm, Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka, Vinicius de Moraes, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Machado de Moraes, Italo Calvino, Carlos Drummond Grimm, Hans Christian Andersen, Franz Kafka, e Moraes, Italo Calvino, Irmãos Grimm, Lygia Hans Christian Andersen, Lygia Fagundes Telles, Guy de Maupassant, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Moacyr de Assis, Guy de Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka,



Irmãos Grimm

linguagem dos animais

CONTOS
E CRÔNICAS
SOBRE BICHOS



Guy de Maupassant, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Moacyr

de Assis, Guy de Maupassant, Lima Barreto, Franz Kafka,

Copyright © 2012 by os autores

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico Retina78

Revisão Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Linguagem dos animais : contos e crônicas sobre bichos.
— 1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2012.

Vários autores.

ISBN 978-85-65771-03-0

1. Contos brasileiros – Coletâneas 2. Crônicas – Coletâneas.

12-09819

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira 869.9308

2. Crônicas : Coletâneas : Literatura brasileira 869.9308

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO

- 7 Arca literária

IRMÃOS GRIMM

- 11 Mesinha-ponha-se, o asno de ouro e porrete-
-pule-do-saco

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

- 31 O rouxinol

MACHADO DE ASSIS

- 47 Ideias de canário

GUY DE MAUPASSANT

- 55 O lobo

LIMA BARRETO

- 65 A Ave estranha (*Uma anedota do reino dos
Perus*)

VINICIUS DE MORAES

- 71 De pombos e de gatos
74 Do amor aos bichos

ITALO CALVINO

- 81 A linguagem dos animais
86 O palácio dos macacos

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

- 93 Um cão, outro cão
97 Rick e a girafa

MOACYR SCLiar

- 101 Cão
105 Os leões
107 A vaca

LYGIA FAGUNDES TELLES

- 113 História de passarinho
117 Iracema

- 121 Sobre os autores

IRMÃOS GRIMM

MESINHA-PONHA-SE, O ASNO DE OURO E PORRETE-PULE-DO-SACO

Antigamente havia um alfaiate pai de três filhos e dono de uma única e solitária cabra. Ora, a cabra, que alimentava a todos eles com seu leite, tinha que receber forragem de primeira e todo dia ia pastar da melhor relva, conduzida pelos três filhos, que se revezavam. Uma vez o mais velho levou a cabra para pastar no cemitério, onde crescia grande quantidade de relva muito tenra, e lá permitiu que ela comesse e trotasse à vontade por onde bem entendesse. À noitinha, na hora de voltar para casa, o rapaz perguntou à cabra:

— E então, mocinha, satisfeita?

A cabra respondeu:

Béééé! Béééé!

Encerrei o expediente:

Comi feito demente!

— Então vamos para casa — disse o rapaz, e saiu puxando a cabra pela corda de volta para o estábulo, onde a amarrou bem amarradinha.

— E então? — perguntou o velho alfaiate. — A cabra pastou direitinho?

— Nem lhe conto! — respondeu o filho. — Está com a barriga tão cheia que não aguenta comer mais nada.

O pai, querendo verificar o assunto pessoalmente, desceu até o estábulo, fez festa na querida cabrinha e perguntou:

— Você comeu bastante?

E a cabra respondeu, com sua voz tremida:

Comi bastante, nada!

Nem uma folhinha,

Coitada da cabrinha.

Estou toda esfolada

De andar em pedra afiada.

Bééééé!

— Como? Que novidade é essa? — exclamou o alfaiate, que voltou para casa correndo e foi para cima do filho:

— Seu mentiroso de uma figa! — gritou ele —, você me diz que a cabra está alimentada e deixa o bichinho morrendo de fome!

Furioso, agarrou o metro que estava pendurado na parede e deu tanta pancada no filho que ele acabou indo embora de casa.

No dia seguinte foi a vez do segundo filho, que escolheu um lugar perto da cerca do jardim, um lugar onde a relva era excelente, tão boa que a cabra pastou tudo e não deixou nem um talinho para contar a história. À noitinha, quando achou que estava na hora de voltar para casa, o rapaz perguntou à cabra:

— E então, mocinha, satisfeita?

A cabra respondeu:

Béééé! Béééé!

Encerrei o expediente:

Comi feito demente!

— Então vamos para casa — disse o rapaz, levando a cabra de volta para o estábulo e amarrando-a bem.

— Ah! Já chegou, meu filho? — disse o velho alfaiate. — A cabra pastou direitinho?

— Olhe — disse o filho —, ela está com a barriga tão cheia que não aguenta comer mais nada.

O alfaiate, sem acreditar muito, resolveu verificar o assunto pessoalmente e perguntou à cabra:

— E então, mocinha, é verdade que você comeu bastante?

E a cabra respondeu, com sua voz tremida:

Comi bastante, nada!

Nem uma folhinha,

Coitada da cabrinha.

Estou toda esfolada

De andar em pedra afiada.

Béééé!

— Ah, eu pego aquele malandro! Deixar uma beleza de um bichinho desses morrer de fome! — exclamou o alfaiate, que voltou para casa correndo, pegou seu metro e deu tanta pancada no filho que o filho teve que sair correndo porta afora.

Quando chegou a vez do terceiro filho, ele resolveu fazer a tarefa muito bem-feita e por isso saiu em busca dos campos de relva mais macia e suculenta existentes nas redondezas. Para lá

levou a cabra, que pastou até não poder mais. À noitinha, na hora de voltar para casa, o rapaz perguntou à cabra:

— E então, mocinha, satisfeita?

E a cabra respondeu:

Bééééé! Bééééé!

Encerrei o expediente:

Comi feito demente!

— Então venha, vamos para casa — disse o rapaz, levando a cabra para o estábulo e amarrando-a com todo o cuidado.

— A cabra pastou direitinho? — perguntou o velho alfaiate.

— Olhe — disse o filho —, ela está com a barriga tão cheia que não aguenta comer mais nada.

O pai foi dar uma olhada e perguntou:

— Você comeu bastante?

E a cabra malvada falou de novo com voz tremida:

Comi bastante, nada!

Nem uma folhinha,

Coitada da cabrinha.

Estou toda esfolada

De andar em pedra afiada.

Bééééé!

— Ah, que filhos sem-vergonha eu fui arranjar! — explodiu o alfaiate. Cada um mais coisa-ruim que o outro! Mas agora já chega! Chega de me fazer de bobo!

O alfaiate voltou para casa correndo, louco de fúria, foi buscar

seu metro e começou a dar tanta pancada no último filho, com tanta brutalidade, que o rapaz fugiu correndo.

O velho alfaiate ficou sozinho com a cabra. No dia seguinte, foi ele quem desceu até o estábulo; querendo agradecer a cabra, enquanto alisava o pelo dela, dizia:

— Venha, minha linda, minha preciosa, minha coisa querida, hoje quem leva você para o campo sou eu!

O alfaiate saiu puxando a cabra pela corda e levou-a para pastar as sebes e os tufos de erva alta que as cabras adoram acima de tudo.

— Pelo menos hoje, minha mimosa, você vai se refestelar! — disse o alfaiate à cabra, e deixou que ela passasse o dia inteiro pastando. À noitinha, ele perguntou à cabra:

— Está bom assim, querida?

E a cabra respondeu:

Bééééé! Bééééé!

Encerrei o expediente:

Comi feito demente!

— Então vamos, que está na hora de ir para casa! — disse o velho alfaiate, que em seguida puxou a cabra até o estábulo e amarrou-a muito bem amarrada. Ele já estava de saída quando teve a ideia de voltar atrás e perguntar ao animal:

— E então? Pelo menos hoje, você comeu bastante?

Mas a cabra não se comoveu nem um pouco e falou com voz tremida:

Comi bastante, nada!

Nem uma folhinha,

*Coitada da cabrinha.
Estou toda esfolada
De andar em pedra afiada.
Bééééé!*

Ouvindo aquelas palavras, o velho alfaiate deu um pulo e percebeu a injustiça que tinha feito com os filhos, expulsando-os de casa sem razão nenhuma.

— Espere um pouco, criatura ingrata! — exclamou ele. Expulsar você daqui não é suficiente. Vou marcar você de uma tal maneira que nunca mais você vai se engrajar com alfaiates honestos!

Dizendo isso, o velho voltou para casa correndo, pegou seu aparelho de barbear e voltou para o estábulo. Lá, ensaboou a cabeça da cabra e depois raspou-a tão bem raspada que ela ficou sem um fio de pelo na cabeça. E achando que seria muita honra para a cabra apanhar com seu metro, foi buscar o chicote para lhe dar uma sova tamanha que a única saída do animal foi fugir a toda velocidade dando saltos incríveis.

Sozinho em casa, o velho alfaiate caiu numa tristeza imensa; é claro que ele teria gostado de ver os filhos voltarem, mas ninguém sabia onde os rapazes tinham se enfiado nem o que tinham feito da vida.

O mais velho estava trabalhando na oficina de um mestre marceneiro, cujo ofício pretendia aprender. Era um aluno atento e cuidadoso. Quando chegou o momento de viajar pelo país para se aperfeiçoar, seu mestre deu a ele de presente uma mesinha que não parecia grande coisa e que havia sido feita com uma madeira completamente comum, só que tinha uma qualidade muito especial: sempre que alguém a pusesse diante de si no chão e dis-

sesse: “Mesinha, ponha-se!”, na mesma hora aparecia uma toalha branquinha sobre a mesa e sobre a toalha apareciam guardanapo, prato, colher e faca, ao lado de travessas fumegantes muito bem servidas, tantas quantas coubessem em cima da mesa, e ainda um copo bem grande onde cintilava um vinho cor de rubi de amolecer o coração. Com uma mesa daquelas, o rapaz pensou: “Minha vida está resolvida até o fim dos meus dias!”, e saiu pelo mundo afora na direção que lhe dava na telha, sem ter que se preocupar com o lugar onde se hospedava: bom, ruim, com comida, sem comida — nada disso fazia diferença. Em qualquer lugar, sempre que tivesse vontade, o rapaz punha a mesa no chão — no campo, na floresta, na grama, fosse onde fosse — e dizia calmamente: “Mesinha, ponha-se!”, e na mesma hora aparecia diante dele tudo o que ele pudesse estar com vontade de comer. Depois de viajar desse jeito durante muito tempo, ele resolveu voltar para a casa do pai. Achava que depois de todo aquele tempo a fúria do velho já teria acabado e que seria ótimo mostrar a ele aquela mesinha-ponha-se tão simpática. Decerto o pai ao ver a mesa ia receber bem o filho, imaginava. Só que enquanto ele ia voltando, aconteceu de ele entrar numa estalagem lotada de viajantes. Eles receberam o último a chegar com muita amabilidade, e o convidaram a sentar-se à mesa com eles para comer. Se não aceitasse, disseram, ia ser muito difícil ele conseguir que lhe servissem o jantar.

— Obrigado! — respondeu o rapaz. — Não vou tirar o pão da boca de vocês. Acho melhor vocês serem meus convidados. Venham sentar-se à mesa comigo!

Os outros caíram na risada, achando que era brincadeira dele, mas o rapaz pôs sua mesinha no meio da sala e disse:

— Mesinha, ponha-se!